



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

A feira da 216 Norte

Sempre gostei de feiras e feirinhas. Frequentava muito a da Torre de Televisão antes da reforma que, a meu ver, a desfigurou. Antes, a Feira da Torre era uma bagunça organizada. Depois, ela perdeu muito da graça com a organização previsível que a empobreceu.

Tenho muitas memórias afetivas das danças por lá. Nos tempos em que tive um calo, comprei uma alpercata nordestina

salvadora. Empinei pipas com meu filho quando ele era uma criança pequena.

Nas feiras, a gente se depara com personagens que não encontra, comumente, em uma cidade segregada, especialmente, como Brasília. No Jardim Botânico, conheci um piauiense que vendia abacaxis e sempre me deixava pagar depois, nos tempos de penúria, da construção de minha casa. E também a angolana, com a chispa da bondade nos olhos, que me ofereceu uma batata-doce para selar a paz depois de eu discutir um preço absurdo proposto pelo filho dela.

Quando eu não podia ir, as vendas caíam muito. Era um desafio improvisar, desesperadamente, brincadeiras como se fosse um

artista de circo para chamar a atenção no meio do burburinho reinante.

Bem, finalmente, fui conhecer a Feirinha da Ponta Norte, na 216 Norte, da qual havia ouvido falar pelos amigos. E gostei bastante. Eu acho que, se a gente fizer um contraponto, a Asa Sul é austera, formal e silenciosa, enquanto a Asa Norte tem a alma anárquica, informal e romântica. A feirinha catalisa essa pulsação.

Lá, é possível encontrar produtos orgânicos, alimentos integrais, artesanato indígena e frutas frescas. Mas, além disso, é um lugar de trocas culturais. Por lá, rolam pequenos shows, lançamentos de livros, saraus poéticos e musicais. São eventos pequenos, mas que agitam e insinuem um ambiente propício à cultura.

Fomos à Feirinha da Ponta Norte, Dea Barbosa e eu, para autografarmos o livro *A profissão do sonho — Clodo Climério e Clésio* no evento Sarau páginas ao vivo, a convite da Cristiane, com música ao vivo de George Durand e Rodrigo Chileno, sob o comando de Alex Silva. O microfone esteve aberto para recitais de poetas da cidade.

É um bom espaço para garimpar produtos singulares, reencontrar os amigos, encontrar gente que gosta de cultura e conviver nas barraquinhas. Logo no início, Durand e Alex Silva cantaram *Revelação*, de Clodo e Clésio, e *Enquanto engoma a calça*, de Ednardo e Climério.

Em seguida, eles interpretaram canções de Djavan, de Belchior, de Fagner e de

Geraldo Azevedo, entre outros. E foi muito interessante porque nós constatamos que as composições dos irmãos Ferreira são de primeira linha, se destacam mesmo no contexto de feras da música popular moderna pós-tropicalista, que constitui um dos momentos mais altos da canção popular brasileira.

Mostrar isso foi um dos objetivos que nos moveu, a mim e a Dea, para escrever *A profissão do sonho*. E vimos essa situação ilustrada pelo canto de Durand e Alex Silva. Com certeza, hoje a Feirinha da Ponta Norte estará respirando o carnaval dos blocos com a concentração do grupo Folha Seca. A Feirinha da Ponta Norte é um lugar agradável para frequentar e que desmente vários estereótipos sobre Brasília.

AGRESSÃO/ Justiça do DF tornou réu por homicídio doloso qualificado por motivo fútil o ex-piloto acusado de agredir Rodrigo Castanheira, 16 anos, que morreu em 7 de fevereiro. Ontem, missa de sétimo dia do adolescente reuniu familiares e amigos

Turra pode pegar até 30 anos

» LETÍCIA MOUHAMAD
» CARLOS SILVA

A 1ª Vara Criminal e do Tribunal do Júri de Águas Claras aceitou, ontem, a denúncia do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) e tornou Pedro Arthur Turra Basso, de 19 anos, réu por homicídio doloso qualificado por motivo fútil. Ele é acusado de agredir Rodrigo Castanheira, 16, em 23 de janeiro, na saída de uma festa, em Vicente Pires. Após 16 dias internado, em coma, o adolescente morreu em 7 de fevereiro, no Hospital Brasília Águas Claras.

No caso de homicídio doloso, a pena pode chegar a 30 anos de prisão, em regime inicial fechado, e o julgamento ocorre no Tribunal do Júri, por um corpo de jurados. Agora, o réu precisa apresentar defesa técnica em até 10 dias, com produção de provas (testemunhas, perícias), audiências de instrução e alegações finais.

Flávio Fleury, tio de Rodrigo, aprovou a decisão que torna Pedro Turra réu. “Receber a notícia de que o crime foi classificado como homicídio qualificado por motivo fútil nos faz sentir acolhidos pela Justiça. Desde o início, sabíamos não ter sido apenas uma agressão grave, seguida de morte. Isso nos dá força para continuar lutando”, declarou.

Homenagem

Amigos e membros da comunidade participaram, também ontem, da missa de sétimo dia de Rodrigo Castanheira, realizada na Paróquia Nossa Senhora da Esperança, em Vicente Pires. A celebração foi marcada por orações, lágrimas e lembranças de um adolescente descrito por quem convivia com ele como alguém “doce”, “tranquilo” e “cheio de luz”. O templo ficou tomado por pessoas que acompanharam de perto a trajetória de Rodrigo e por aqueles que se aproximaram da família após a repercussão do caso.

Reprodução



Ex-piloto está em uma cela individual, no Complexo da Papuda

Entre os presentes estavam duas amigas do jovem, que falaram sobre a convivência com ele e o impacto da morte precoce. Para uma delas, a tragédia causa ainda mais comoção por interromper uma vida que estava apenas começando. “É triste ver essa situação, porque o Rodrigo tinha muita coisa para viver. Era muito jovem e muito bom”, afirmou a amiga, de 17 anos.

Outra amiga descreveu o impacto emocional de vivenciar os momentos de despedida e o sofrimento da família. “Quando vi os pais dele e a irmã falando ao microfone, no velório, senti a dor deles também. A dor de perder um filho é algo que não dá para descrever”, afirmou a adolescente, também de 17 anos. Apesar da tristeza, ela disse buscar conforto na fé. “Acredito que os planos de Deus são os melhores. O que

acabou aqui, lá em cima não acabou”, declarou.

Desdobramentos

O andamento do caso no Superior Tribunal de Justiça (STJ) foi impactado pela decisão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), que negou, na quinta-feira, o quarto pedido de liberdade apresentado pela defesa de Turra.

A decisão da 2ª Turma Criminal que manteve a prisão preventiva do ex-piloto de Fórmula Delta foi proferida um dia depois de o MPDFT denunciá-lo, na quarta-feira, por homicídio doloso por motivo fútil, quando há intenção de matar, além de requerer que Turra seja condenado a pagar uma indenização mínima de R\$ 400 mil por danos morais à família de Rodrigo. Com isso, o recurso ordinário

Rito processual

Vítor Sampaio, advogado criminalista e professor de direito constitucional e penal

Com a denúncia aceita pela Justiça, o processo começa de fato: Pedro Turra passa a ser réu, isto é, formalmente acusado em uma ação penal. Significa que o juiz entendeu haver base mínima para a acusação ser analisada e decidida ao final, se condena ou absolve.

O próximo passo é a defesa inicial, quando os advogados podem questionar o enquadramento da acusação, apontar possíveis falhas na investigação, indicar testemunhas e pedir diligências (por exemplo, perícias complementares, juntada de documentos).

Depois vem a fase central do processo: a produção de provas (ou fase de instrução processual). Aqui, a acusação e defesa trabalham ativamente para fortalecer suas teses, com depoimentos, perícias, análises técnicas, vídeos, mensagens e demais elementos que possam demonstrar o que efetivamente ocorreu. Ao fim, apresentam alegações finais cada qual com seus pedidos para o caso.

Após a instrução, como se trata de uma acusação de crime doloso contra a vida (homicídio qualificado por motivo fútil), o procedimento deve seguir o rito do Tribunal do Júri, que tem duas etapas.

Na primeira, após ouvir testemunhas e

analisar laudos e vídeos, o juiz faz uma decisão de “triagem”. Ele define se o processo vai ou não para o julgamento pelos jurados e, principalmente, com qual enquadramento: se a acusação continua como homicídio doloso (isto é, se o Ministério Público consegue sustentar que houve intenção de matar ou assunção do risco) e se existem agravantes, ou se a prova aponta para outro crime menos grave (lesão corporal seguida de morte, por exemplo), o que mudaria todo o rumo do processo. Ou seja, ainda existe a possibilidade do caso deixar de ir a Júri, se assim o juiz entender após a instrução.

Se o caso for enviado ao Júri, vem a segunda etapa: o julgamento em plenário, com sete jurados. Acusação e defesa apresentam suas versões, os jurados respondem a perguntas objetivas (se o autor teve a intenção de matar ou assumiu o risco; se existe alguma circunstância que agrave o crime; se concorda com alguma tese da defesa que afasta a responsabilidade; entre outras), e então o juiz fixa a pena e profere a sentença. Depois disso, ainda podem existir recursos, dentro dos limites legais.

Na condenação, o juiz pode fixar um valor mínimo de reparação à família, sem impedir que a indenização seja discutida também na esfera cível. Além disso, a prisão preventiva pode ser revista ao longo do processo. Certamente, a defesa seguirá com novos pedidos de liberdade.

em habeas corpus apresentado pela defesa de Pedro Turra no STJ, que tinha o objetivo de questionar a negativa da liminar no TJDFT, ficou prejudicado, uma vez que a decisão contestada deixou de existir.

O advogado Albert Halex, que representa a família de Rodrigo Castanheira, afirmou que o caso teve avanços relevantes nos últimos dias, especialmente no esclarecimento da causa da morte e na consolidação da tese de premeditação e emboscada. Segundo ele, o fato de Pedro Turra ter sido denunciado pelo Ministério Público por homicídio doloso confirma a gravidade dos fatos. “Estamos acompanhando o caso até o fim. Queremos apenas justiça, nem mais, nem menos, só o que é devido”, assinalou.

Em nota, a defesa de Pedro Turra afirmou que respeita a decisão da Turma Criminal do TJDFT, mas discorda do entendimento

adotado. Segundo os advogados, a discordância se dá por fundamentos jurídicos. A nota afirma, ainda, que a posição não representa inconformismo retórico. “A divergência ora externada não traduz inconformismo retórico, mas exercício legítimo da advocacia, no marco do Estado Democrático e Jurídico de Direito.” Por fim, a defesa ressaltou que continuará atuando nos tribunais “com responsabilidade, rigor técnico e absoluto compromisso com a legalidade constitucional, buscando a tutela da liberdade de seu assistido perante os Tribunais Superiores”, concluiu.

Entenda o caso

Em 23 de janeiro, Rodrigo Castanheira foi agredido por Pedro Turra, na saída de uma festa, em Vicente Pires, e sofreu traumatismo

craniano severo. Ainda pela manhã, o ex-piloto foi preso em flagrante, mas acabou liberado após o pagamento de fiança de R\$ 24,3 mil. Diante da gravidade do estado de saúde da vítima e dos indícios de que o agressor tentava interferir nas nvestigações, a Justiça decretou, em 29 de janeiro, a prisão preventiva dele, que foi detido na casa da mãe.

No Centro de Detenção Provisória (CDP) da Papuda, Turra está em uma cela individual, após alegações de risco à integridade física. Após 16 dias internado, Rodrigo morreu, em 7 de fevereiro, gerando comoção em todo o DF. O ataque, para a família do adolescente, não foi um incidente isolado, mas uma emboscada premeditada, tese que, se confirmada, descarta a versão inicial de um desentendimento por causa de um chiclete.

Contribuiu Paulo Gontijo

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos em 13/2/2026

» Campo da Esperança

Alba Maria de Albuquerque Coelho, 83 anos
Antônio Anselmo dos Santos, 59 anos
Haroldo Ribeiro Alves, 93 anos
Jesse Paes de Barros, 83 anos
Lindario Ribeiro da Conceição Filho, 67 anos
Marco Aurélio de Oliveira Silva, 69 anos
Maria Raimunda dos Santos Teixeira, 73 anos
Paulo Ricardo Marques Batista, 29 anos
Rita Yola de Castro Neiva, 93 anos
Rubens Vinício Pinheiro, 72 anos
Ruth dos Santos Rodrigues, 90 anos
Thais da Cruz Pádua, 28 anos
Wellington Marcio Bezerra, 51 anos
Zeni Gonçalves de Azevedo, 88 anos

» Taguatinga

Adalberto Bispo da Silva, 63 anos
Carlito Carneiro da Costa, 70 anos
Emídio Pereira da Silva Junior, 45 anos
Esania Alves de Oliveira, 61 anos
Francisca Alves do Carmo, 86 anos
Gustavo Adolfo Carreiro Botelho, 66 anos
Habigail Felix Figueiredo, 65 anos
José Miguel da Silva Filho, 53 anos
Laura Micaelly Brito Sousa, 2 anos
Lúcia de Paula e Silva, menos de 1 ano
Luzia dos Santos Rozeno, 71 anos
Maria Dirce Lopes, 82 anos
Maria do Rosário Coutinho Guedelha, 63 anos
Maria Laerce Gonçalves, 84 anos
Matheus Gabriel Gomes de Oliveira, 7 anos
Ricardo dos Reis Teixeira, 56 anos
Stephanie Gomes dos Santos, 33 anos

» Gama

Dorival Alves dos Santos, 89 anos

Francisca Alves Ferreira, 68 anos
Helena Moreira de Souza, menos de 1 ano
João Baptista de Moraes, 88 anos
Luiz Ferreira, 88 anos

» Planaltina

Delmiro Barros da Cruz, 46 anos
Mario Moreira de Miranda, 71 anos

» Brazlândia

Alzira do Carmo dos Santos Oliveira, 81 anos
Creusa Francisca de Araujo, 43 anos

» Sobradinho

Astrogildo Pinto Neto, 63 anos
Joseneu Fernandes de Aguiar, 65 anos
Regina de Souza Duarte, 42 anos

» Jardim Metropolitano

Rui Vieira da Costa, 77 anos (cremação)
Diva Carvalho Ghidetti, 90 anos (cremação)
Júlio Cezar e Souza Martins, 87 anos (cremação)

Árvore atinge três carros

Divulgação/CBMDF



Uma árvore atingiu três carros estacionados, na SGAS 611, Conjunto D, Asa Sul, na manhã de ontem. O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) atendeu à ocorrência por volta das 11h e deslocou três viaturas. Não houve feridos na queda. As equipes da

CBMDF realizaram o corte e remoção da vegetação para garantir a segurança no local e eliminar riscos adicionais. Após o atendimento e a desobstrução da via, a área ficou sob responsabilidade dos proprietários dos veículos e demais órgãos competentes.